



Publicado na 11ª Edição (Novembro e Dezembro de 2009) da Revista Linguasagem

[www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)

## O ENTRELAÇAMENTO DO POLÍTICO NO ESPAÇO URBANO VIA DESIGNAÇÃO

### “TERRA DE GENTE BOA”

Carme Regina Schons\*

Maria Cleci Venturini.\*\*

#### Considerações iniciais: lugares e fronteiras

Identidade não é sinônimo de igualdade. O fato de sermos iguais não quer dizer que somos idênticos. Somos diferentes, por isso é que podemos ser iguais. A condição de ser alguém, e alguém sempre diferente de um outro alguém, é algo que nos concede igualdade: todos possuímos igualmente a condição de ser alguém, de ser único. COSTA, 2004

Iniciamos este trabalho com a apresentação dos termos que compõem a temática: rememoração/comemoração. O fio condutor de nossas reflexões é o entrelaçamento do espaço urbano com o político, que se configura na língua e que ocorre, a partir da designação de Passo Fundo como “Terra de gente boa”, pelos atos de nomear/determinar. A relação se estabelece entre o institucional e o legitimado e constitui um imaginário de cidade e de cidadão, que, na estrutura da língua e em um acontecimento histórico e discursivo, sobrepõe-se ao político-administrativo.

---

\* Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS. Docente dos programas de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UPF. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise do Discurso (GEPAD-RS). E-mail: [carme.schons@pq.cnpq.br](mailto:carme.schons@pq.cnpq.br); carme\_regina@hotmail.com.

\*\* Doutorado em Estudos Lingüísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [mariaclavicenturini@hotmail.com](mailto:mariaclavicenturini@hotmail.com).

Segundo Orlandi (2002), “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz” (p. 42), e decorre de relações sociais, de inscrições na história, podendo-se dizer, por isso, que as relações de poder as determinam.

A respeito do ato de nomear/determinar, decorrente de um discurso que, de acordo com Venturini (2009), constitui a rememoração corresponde não só à dimensão não-dizível do dizer, mas também à memória que sustenta, pela repetição, toda a possibilidade de falar *sobre*. Com isso, desencadeando a comemoração, o desejo de *ser semelhante* ou *igual a*, próprio do sujeito desejan<sup>1</sup>, que, mesmo sem o saber, institui a comemoração daquilo que consagra a cidade e sustenta o imaginário de certo tipo de cidadão no espaço urbano. Para a autora, a rememoração, como discurso *de* “participa da urgência de uma formação social em comemorar, fornecendo-lhe um modo de funcionamento, [...] como andaimes que estruturam o discurso comemorativo. No caso do enunciado “Terra de gente boa”, temos a designação de Passo Fundo que, não só abre espaço para a inscrição de cidadãos comuns no político da cidade, como também viabiliza a inscrição de ações político-administrativas, que determinam as ações de um bom governo, e de sua filiação a bom partido<sup>2</sup>. Os andaimes que estruturam as formas como os sujeitos-cidadãos de Passo Fundo se representam para dentro e para fora de seus limites, legitimam a designação “Terra de gente boa”, pois se ancoram em memórias que significam na formação social. Consequentemente, permanece em suspenso a questão: quais os discursos que sustentam tal designação, tendo em vista que, no eixo da formulação, a rememoração ancora a comemoração? A resposta é complexa, pois a designação do espaço urbano surge por relações assentadas na ordem do imaginário, mas que constroem realidades sociais compostas pelo funcionamento do político e do administrativo que respondem pelo que é apagado ou pela visibilidade na formação social, ainda que não “gerenciem” a memória. Segundo Pêcheux (1999),

a memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (p. 56).

---

<sup>1</sup> Entendemos como desejan<sup>1</sup> o sujeito que é habitado pelo outro e constrói sua imagem a partir do outro, constituindo-se.

<sup>2</sup> Estar filiado a um bom partido político, para nós, caracteriza a filiação à ideologia do Governo Federal, nesse caso, estar integrado ao partido político ARENA do tempo da ditadura.

O funcionamento da memória como espaço de disjunções e de desdobramentos faz com que as designações e a comemoração não possam ser totalmente “gerenciadas”. De acordo com Venturini (2009), a comemoração se forma no eixo sintagmático das relações e concretiza-se na tensão entre o já-dito e a reinscrição do dizer no eixo da memória, instaurando equívocos e deslizamentos, que permitem referendar, conforme Pêcheux (1997, p. 160), “que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico [...]” de sua produção/reprodução. No eixo da formulação, a rememoração e a comemoração funcionam juntas, sendo grafadas como rememoração/comemoração. A relação entre a rememoração (memória histórica) e a comemoração (atualidade) funciona pela memória discursiva, a começar pelos deslocamentos e pelas transformações definidas por Courtine (1981) que abarcam o interdiscurso, mas também discursos, fazendo trabalhar espaços de memória, a partir das redes constitutivas de domínios de memória, formadas por acontecimentos históricos e por discursos institucionais que, apesar das coerções e dos efeitos de saturação, decorrentes do trabalho da ideologia, rompem com o mesmo, assim instituindo o diferente e, muitas vezes, os acontecimentos discursivos.

Em relação ao enunciado “Terra de gente boa”, é possível dizer que ele rompe com o discurso que o sustenta, tendo em vista outro enunciado que circulou em um momento histórico anterior, “Passo Fundo, passo firme para o progresso”, filiado aos saberes do regime militar e a tudo que caracterizou os anos de silenciamento aos quais o país esteve submetido. O prefeito de Passo Fundo, em cujo mandato foi cunhado esse slogan, era Edú Villa de Azambuja. Ele foi eleito prefeito da cidade em 1972 e esteve à frente do executivo municipal no período de 1973 a 1977. Era, como o general Médici, militar, com o posto de major, comandante do I/20º, quartelado em Passo Fundo. Azambuja, ao ser eleito prefeito da cidade, afastou-se para a reserva e foi promovido, de acordo com o estatuto militar, a tenente-coronel. Além de militar, outro traço o identificava ao Governo Federal: era natural de São Borja, terra de militares e de Getúlio Vargas. Sua administração foi, como o slogan diz, “progressista”, “inovadora e austera, cuidando do equilíbrio orçamentário”<sup>3</sup>. Durante seu mandato, foi inaugurado o novo Centro Administrativo Municipal e também a BR 285, que já existia, mas não era asfaltada.

Retorna a questão que nos propomos estudar: a quem “Terra de gente boa” vem nomear/determinar? A nomeação de cidadãos é ou estaria determinada pelo lugar que, por coincidência, representa o espaço urbano? Diante das considerações realizadas, entendemos ser relevante retomar questões teóricas referentes ao espaço urbano e ao imaginário que o constitui

---

<sup>3</sup> O “milagre econômico” (1969-1973), contraditoriamente, denomina a época de crescimento da economia e da miséria. De um lado, alta concentração de renda; de outro, a pobreza. Para divulgar a idéia de sucesso, progresso e desenvolvimento, o governo criou slogans como “Brasil potência”, “O país da Copa do Mundo” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Orlandi (1999), que coordena um trabalho no Laboratório de Estudos Urbanos, centro de referência de estudos e pesquisas discursivas da cidade, em seus pressupostos teóricos, relaciona o sujeito, a linguagem e a história na compreensão do espaço urbano.

### **Espaço urbano: um primeiro entrelaçamento entre a teoria e a prática**

Do ponto de vista discursivo, para Orlandi (1999, p. 8), a cidade é um espaço simbólico que tem sua materialidade e que produz sua significância, dando forma a um conjunto de gestos de interpretação que constituem o urbano. O discurso referente a tal objeto realiza-se no confronto entre o simbólico e o político e subordina-se ao imaginário urbano, à forma como o sujeito significa e é significado na/pela cidade. A distinção entre a cidade e o espaço urbano sustenta-se na maneira como o urbanista fala da cidade a partir de categorias do urbanismo. De acordo com Orlandi (*Ibid.*, p. 9), em consequência disso, “deixam de dizer a cidade em seu real, em sua materialidade específica”. Nessa perspectiva, a autora (*ibidem*, p. 9) propõe “flagrar esse real, por onde ele ‘foge’, não se deixando então pegar pela fala do urbano”. Em outro trabalho (2004c), Orlandi define a cidade como um acontecimento social que se situa na modernidade e funciona como um espaço imaginário sem exterioridade, ou seja, tudo que não é cidade, o não-urbano (campo), também é significado por ela.

Nesse sentido, podemos dizer que, no imaginário urbano está o discurso *sobre* a cidade e a própria materialidade dela. Para distinguir a cidade e o urbano, Orlandi (1999, 2004c)<sup>4</sup> utiliza as noções de organização e de ordem. O urbano liga-se à organização do ponto de vista administrativo, diretivo, e ao imaginário, como o arranjo das unidades. A ordem é do domínio do simbólico, há “a relação com o real da história (a sistematização sujeito e a sua relação com o equívoco), articulação necessária e contraditória entre estrutura e acontecimento” (Orlandi, 2001b, p.13). O discurso urbano é então a organização da cidade em discurso e o silenciamento do real desse espaço. O discurso urbano pode ser entendido como

[...] o discurso constituído a partir da sobreposição do conhecimento urbano sobre a própria realidade da cidade. Nessa indistinção, aquilo que seria realidade urbana é substituída pelas categorias do saber urbano, seja em sua forma erudita (discurso do urbanista), seja no modo do senso comum em que este discurso é incorporado pela

---

<sup>4</sup> A distinção se faz também em outros textos, tais como: (2001b, 2003, 2004a).

política, pelo administrador, pela “comunidade” convertendo sentidos no imaginário urbano. (ORLANDI, 2004a, 68)

Nessas reflexões, a autora observa a constituição do discurso urbano e as posições-sujeito dos habitantes da cidade e conclui que o mecanismo discursivo, constitutivo desse discurso, é o das projeções imaginárias, ou de antecipação. Por elas, o sujeito se coloca no lugar do outro e, desse lugar, “ouve” suas palavras, antecipando-se ao sentido que elas produzem. Segundo Pêcheux (1997, 1997a), as projeções imaginárias não ocorrem sem transformações, nem sem deslocamentos. A passagem da posição de sujeito falante para a posição representada no discurso pelo interlocutor decorre da reversibilidade do sujeito.

A cidade se forma por um aglomerado de instituições, que compõem “o seu tecido”, à medida que elas trabalham com o que é ou não legítimo no espaço urbano, atuando como o lugar da coerção. Há, entende Orlandi (idem), uma relação entre o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade, de maneira que “formam um só corpo, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro” (p. 11), um reclamando o outro nas dimensões histórica, material, social, cultural e econômica. Desses entrelaçamentos resultam, via práticas discursivas, imaginários em relação à cidade, que formulam, em discurso, as formas de sua representação, os modos como ela se significa e é significada. Feitas tais considerações, passemos às condições de produção do slogan “Passo Fundo, Terra de gente boa”.

### **Constituição sócio-histórica de Passo Fundo: filiações e identificações**

Para ler/interpretar/compreender discursivamente Passo Fundo e a designação pela qual ela se representa, tanto dentro quanto fora de seus limites é salutar sublinhar que sua representação abarca os sujeitos-cidadãos que compõem o seu corpo social já que os sujeitos-cidadãos fazem dela “Terra de gente boa”. A par disso, é preciso saber quais os discursos que retornam para sustentar e autorizar a designação no eixo da formulação, fazendo-a entrar na ordem do discurso, como tal.

Fora de seus limites, Passo Fundo é conhecida como “Terra do homem forte”, “Terra de Teixeira”, como a “A capital nacional da literatura” e, a par disso, como um dos espaços urbanos em franco desenvolvimento na área da saúde, haja vista a realização de intervenções médicas de alto risco e de um corpo médico reconhecido. Além disso, ocorre de dois em dois anos, o Festival do Folclore, que reúne grupos folclóricos vindos de vários lugares do mundo. A realização do festival contou com o apoio da Administração Municipal e dos prefeitos Osvaldo Gomes e Júlio

Teixeira e institucionalizou-se por meio da Lei Municipal Nº 3.235, de setembro de 1997. Cabe dizer que a consolidação do festival aconteceu na Administração Municipal de Osvaldo Gomes/Júlio Teixeira (Gomes foi prefeito da cidade em duas gestões: 1993/1996 e 2001/2004, em sua última administração, o slogan foi “Passo Fundo, terra de gente boa”). O slogan se sustenta em discursos anteriores, por isso, é significativo para a formação social. Em 1995, a festa foi incluída nas comemorações dos 25 anos do CIOFF-Mundial, celebrando os 150 anos da Assinatura da Paz de Ponche Verde e os 138 de emancipação política de Passo Fundo. O festival segue comemorando os aniversários do município e os acontecimentos que marcam a civilização.

Outra festa importante é o Rodeio Internacional de Passo Fundo, na primeira quinzena de novembro, quando são apresentados espetáculos, competições e torneios que congregam tradicionalistas da região e da América Latina, que cultuam as tradições gaúchas. A festa realiza-se no Parque Turístico da Roselândia, em cuja entrada há um portal que rememora/comemora Passo Fundo, por meio de três representações: o gaúcho, a cuia e o chapéu. Estas funcionam, de acordo com Venturini (2009, p. 128), “como enunciados-imagem, pois cada uma delas comporta memórias, discursos, ditos e não-ditos que constituem espaços de memória da cidade por meio de mobiliários urbanos em torno do objeto de rememoração/comemoração”.

Segundo dados históricos postados no site oficial do município, Passo Fundo era uma antiga aldeia dos índios Tapes, parentes da Nação Guarany, que evoluiu ao status de cidade, posteriormente, pela vinda de uma família não citada, de seus agregados e escravos em 1827, dando origem a fazendas. A sua base econômica consolidou-se com a criação de gado e com o plantio de erva-mate. Duas datas são importantes na história de Passo Fundo: 1857 e 1891. A primeira data marca a sua entrada para a categoria de município, já a segunda, sua elevação como espaço urbano. Assim, como ocorreu com as cidades da região, a chegada da estrada de ferro impulsionou o desenvolvimento de Passo Fundo.

Para Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo, a cidade constituiu-se de vários projetos e, destacamos, de várias designações, que vão desde “Capital do Planalto Médio” até “Terra do trigo”. Entretanto, nenhuma dessas designações é significativa na ordem do imaginário de Passo Fundo. De 1973 a 1977, na Administração do prefeito Edú Villa de Azambuja, o slogan oficial foi “Passo Fundo: passo firme para o progresso”, conforme destacamos anteriormente. Esse prefeito filiava-se por redes identitárias ao governo militar, já referido acima. Configura-se, em sua administração, o desejo de imprimir as ações político-administrativas e, entendemos que se cria um imaginário sobre a relação estabelecida com o político-administrativo do Governo Federal. Nesse ponto, instalam-se

questionamentos como: Quais as designações possíveis para “Passo Fundo” e para seus cidadãos? Quais ações administrativas e quais os cidadãos povoaram o imaginário dos governos militares?

Vale lembrar que a candidatura de Edú Villa de Azambuja para prefeito da cidade representou, de acordo com Jabs Paim Bandeira<sup>5</sup>, o desejo de mudar “o passo de Passo Fundo”. Isso justifica a escolha de um militar para prefeito. Tal mudança indicia para filiações ao militarismo, que se concretizam pela relação do prefeito tanto com o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969 -1974), que estava no poder nessa época, quanto com seu sucessor, Ernesto Geisel. Nos governos militares, houve a popularização dos meios de comunicação, que atingiu camadas sociais. A designação “progresso” tornou-se uma imposição em todos os espaços sobretudo as cidades, cuja administração mantinha filiação partidária com o Governo Federal, a fim de sustentar a importância do projeto de desenvolvimento econômico e de seu sucesso. Esse período esteve marcado pelos movimentos de política estudantil, que lutavam contra a privatização do ensino universitário e contra a repressão.

É pertinente questionar: que memórias retornam pelo slogan oficial? De acordo com Venturini (2009), autora que estabelece diferença entre o discurso *sobre* e o discurso *de*, “Passo Fundo: passo firme para o progresso” é um discurso *de*, ou seja, ele rememora a inauguração do ponto de passagem dos primeiros tropeiros paulistas<sup>6</sup>, que vinham ao RS em busca de charque para abastecer a feira. Essa rememoração sustenta toda a possibilidade de falarmos *sobre* a administração da cidade e do Estado, uma vez que há a comemoração por ser uma cidade procurada pelos paulistas, pelos rio-grandenses e, ao mesmo tempo, representada por um militar no Governo Federal (na época, Ernesto Geisel). É possível dizer que o discurso de Médici<sup>7</sup>, que o antecedeu, ainda ressoava, principalmente porque o ex-presidente se declarava contra a anistia de presos políticos. A rejeição de uma parte significativa do povo brasileiro aos militares alcança a designação “Passo Fundo: passo firme para o progresso”.

Este slogan, assim como os demais, não se torna memória, pois não representa o espaço urbano já que não há um discurso *de* (rememoração), que sustente um discurso *sobre* (comemoração). Além disso, ele não significa na formação social, como destaca Davallon (1999),

---

<sup>5</sup><http://jabspaimbandeira.blogspot.com/2008/10/d-300908-mudando-o-passo-do-passo-fundo.html>, acesso em 15 de agosto de 2009, às 21 h 58 min.

<sup>6</sup> Reportamo-nos às informações do grupo Pró-Memória de Passo Fundo.

<sup>7</sup> Natural de Bagé, Rio Grande do Sul, Emílio Garrastazu Médici assumiu o posto de general em 1961 e no período de 1967 a 1969 foi chefe do Serviço Nacional de Informação (SNI). Considerado um dos generais mais linha-dura do período militar, em 1964, exerceu cargo de comandante da Academia Militar de Agulhas Negras. Foi um dos primeiros a aderir ao golpe que derrubou Jango. Em 1969, Médici foi eleito indiretamente presidente da República. No auge do autoritarismo, seu governo foi marcado por violentos atos de censura e pela criação do DOI-Codi. Seu governo ficou conhecido como os anos negros da ditadura.

porque nele não ressoam outros discursos já-ditos e significados antes em outros lugares pelo interdiscurso.

No decorrer da pesquisa sobre os discursos que sustentam a designação “Terra de gente boa”, encontramos textos que dão conta que as forças políticas, representantes das instituições urbanas resolveram “olhar” para a cidade, ver como “ela se dizia”. Em decorrência disso, ressaltamos o acontecimento que chamamos de histórico. Os sujeitos observaram os nomes dos espaços públicos (restaurantes, casas comerciais) e também os textos publicitários que vendiam a cidade, segundo o historiador Paulo Monteiro, notaram que o mobiliário urbano de Passo Fundo se alicerçava no “gauchismo”, no “orgulho de ser gaúcho”. Vale ressaltar que, em 1980, sob a liderança de Valmor Palma, criador de adesivos e slogans para casas comerciais com o apoio das associações comerciais, lideradas por Aldo Battisti (comerciante da cidade), foi criado o adesivo cuja inscrição: “Passo Fundo tchê! A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul representava o sentimento de amor pelo tradicionalismo.

O novo slogan foi transformado em projeto de lei, lançado oficialmente em 13 de outubro de 1980. Somente em 1981, foi estruturado e transformado em Lei, sob o nº 1922. Tratam-se de acontecimentos históricos, porque eles se sustentam - em dados, datas e também em fatos, que envolvem dispositivos que os constituem como verdade. A criação da Secretaria Municipal do Turismo, Desporto e Cultura, em 9 de dezembro de 1980, consta em registro no Cartório de Títulos e Documentos de Passo Fundo. A culminância deste fato foi o reconhecimento da designação em todo Estado. Luis Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do Movimento tradicionalista, então secretário estadual de Cultura, Desporto e Turismo implantou tal projeto no Rio Grande do Sul, o que legitimou e autorizou essa nomeação.

Diante desses dados, Passo Fundo passa a ter institucionalizado o título de cidade “a mais gaúcha” e ainda, legitimamente, passa a ser conhecida como a “Terra de Teixeira”, que se auto-designava “gaúcho de Passo Fundo”, desde 1960, quando compôs a música com esse título e a cantou em todos os lugares. O “passo-fundense”, como afirma o citado músico e compositor, tem um “jeito” muito singular.

### **Confrontos políticos na “Terra de Gente Boa”**

A materialidade do discurso em análise assume sentido de confronto. Os traços marcantes na escrita jurídico-administrativa da cidade de Passo Fundo e as determinações do reconhecimento da

cidade como a mais gaúcha do Rio Grande do Sul sustentam a imagem de cidade cidadã, a qual não só é (re)produzida, mas também é transformada na/pela mídia local, que põe em circulação o “Terra de gente boa”. Partindo dessa premissa, retomamos a noção de contradição e resistência, uma vez que se estabelece o confronto na/pela designação de Passo Fundo, que age como força das ações político-administrativas sobre o sujeito passo-fundense e rio-grandense.

Contradição e resistência são aqui definidas por Pêcheux (1997). Este autor entende que é no jogo complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação, de uma dada formação social, que as ideologias agem como forças materiais na constituição dos indivíduos em sujeitos, fundamentando-se também em um espaço de transformação das relações sociais. No *corpus*, não apenas a materialidade histórica é constitutiva (enunciados verbais) do discurso, mas também a musical (com a materialidade geo-espacial) é representativa da força que designa a cidade e, por consequência, sustenta o imaginário de sucesso aos/sobre seus moradores. É nisso que consiste, para nós, a composição da memória histórico-discursiva, tendo em vista que vários acontecimentos históricos e discursivos são retomados e a formam. Esses, por sua vez, são efeitos resultantes do todo “complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação” de que trata Pêcheux (1997).

A memória discursiva pode ser entendida como um espaço no qual circulam ideologias no sentido de que o interdiscurso é saturado de sentidos; ela (a memória) é um espaço lacunar e não simétrico ao interdiscurso, pois é o sujeito que num gesto interpretativo a aciona. Nesse sentido a memória discursiva estrutura o acontecimento histórico e discursivo, porque, nesse espaço de memória, podemos observar um dos funcionamentos da interpretação, por meio da qual se dá a relação simbólica entre sujeito, língua e história.

Sobre o funcionamento da memória e do acontecimento discursivo, especificamente em enunciados como “Terra de gente boa”, o espaço público urbano imbrica-se ao espaço público rural, de atividade agrícola. Em contrapartida, o espaço público urbano e o público cultural em relação ao tradicionalismo, estabelecem confrontos. A seguir, observaremos que as análises focalizam o funcionamento do político-administrativo da cidade de Passo Fundo, dentro desses espaços delimitados. Para isso, analisamos uma das músicas mais conhecidas no país, *Gaúcho de Passo Fundo*, lançada em 1960, que faz sucesso ainda hoje.

Na letra da música de Vítor Mateus Teixeira - *Gaúcho de Passo Fundo* -, por exemplo, a relação simbólica entre sujeito, língua e história configura-se no confronto que estrutura/determina a relação entre o espaço geográfico urbano cidade/Estado, habitado por homens respeitosos e hospitaleiros *versus* o espaço interiorano rural/Estado, habitado por homens “valentes”,

estancieiros, tropeiros e produtores de trigo. É possível observar tal afirmativa em cada estrofe, todas formadas pelos refrões da música, desdobradas nas quatro sequências discursivas, a seguir.

Cabe lembrar que a organização dos recortes deve-se ao fato de cada refrão funcionar, não apenas como uma retomada, mas como reforço do já-dito nos versos precedentes. Em vista disso, ocorre uma espécie de deslizamento de sentidos e de deslocamentos de sentidos, quando produz efeito de fechamento da estrofe. Assim, a análise de cada estrofe da letra da música vem determinada por seus refrões que, a nosso ver, retomam a ideologia correspondente à formação discursiva, mas produz um deslocamento tanto sobre a imagem ideal de cidadão para habitar a cidade, quanto sobre a memória.

As quatro sequências discursivas permitem desenvolver uma análise da ação tradicionalista gaúcha e da ação político-administrativa dos governantes da cidade de Passo Fundo. Estes, mais tarde, não só criam e aprovam o *slogan* “Terra de gente boa”, mas também decretam o seu uso em *outdoors* próximos das entradas principais da cidade, e ainda em espaços internos como os de ônibus, que recebem um maior número de pessoas. A seguir, a análise dos recortes.

## **Recorte 1**

### ***Estrofe 1:***

*Me perguntaram se eu sou gaúcho*

*Está na cara repare o meu jeito*

*Sou do Rio Grande lá de Passo Fundo*

*Trato todo mundo com muito respeito*

***Sdr1*** - *Mas se alguém me pisar no pala/meu revólver fala e o bochincho está feito.*

No recorte, por um lado, há a repetição formal e a reformulação parafrástica dos refrões, por meio de um conjunto de pré-construídos, configurando, assim, uma memória que estabiliza e homogeneiza as ações do gaúcho. Por outro lado, há o orgulho de pertencer ao Estado; o orgulho de morar em Passo Fundo. É possível verificar a irrupção, na música, de elementos produzidos historicamente em outros espaços de memória que, ao afetá-la, alteram seu funcionamento, constituindo-o como acontecimento.

A identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, na qual o sentido é produzido como evidência para o sujeito, de acordo com Pêcheux (1997), permite pensar a metáfora

em relação ao repetido, ao pré-construído e à memória. A partir da observação de Pêcheux podemos pensar na possibilidade de retorno a acontecimentos históricos, como a Revolução Farroupilha (1835 e 1845), que originariamente visava reagir contra o descaso administrativo do governo central com a Província do Rio Grande do Sul, que era apenas visto como fornecedora de soldados para defenderem as fronteiras brasileiras.

Na sdr1, a auto-designação do cidadão em primeira pessoa “sou gaúcho”, “sou do Rio Grande”, torna visíveis atitudes individuais que representam ações de um coletivo; nesse caso, o fato de habitar a cidade de Passo Fundo sustenta o lugar reivindicado pelo compositor e cantor que não era morador da cidade, mas que garante para si uma identidade de passo-fundense espelhada no outro. É pertinente salientar que o enunciado “trato todo mundo com muito respeito”, estrutura e cria, paradoxalmente, no individual e no coletivo, um referencial de ações singulares ao gaúcho, mas também algumas manifestações reveladas pelo corpo: “está na *cara* repare o meu jeito”, desse modo, traz à tona outros discursos que ressoam na memória do povo rio-grandense.

Historicamente, é sabido que o respeito foi conquistado e imposto por meio do duelo e do confronto, por ocasião da Revolução Farroupilha, uma vez que as altas taxas de impostos sobre a produção pecuária do Estado levaram o povo gaúcho a tomar uma atitude contra o Governo imperialista. Em outras palavras, o sujeito gaúcho não fala, não anda e não age da mesma maneira que os outros cidadãos brasileiros. Prepotência ou não, o que ressoa entre os elementos qualificativos do homem passo-fundense, no recorte 1, é o sentimento de pertencimento e de identificação com um homem de atitudes, que é semelhante ao do gaúcho que enfrentou a política do governo federal.

Notamos na sdr1, a relação entre acontecimentos histórico e discursivo, no processo de constituição de sentidos para cidadão. A música *sobre* a cidade de Passo Fundo e com a atuação do cidadão passo-fundense transforma uma cidade em um acontecimento discursivo. Os acontecimentos musical e histórico da fundação da cidade permitem entendê-la como a mais gaúcha. Quando observada a partir da perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso, adotada neste trabalho, a sdr1 leva à compreensão do acontecimento discursivo que emerge da constituição da cidade, como uma cidade de gente valente, que não aceita desaforos e defende seu patrimônio. É possível dizer que há um retorno a outros acontecimentos históricos e discursivos, conforme referidos acima, tal como o da Revolução Farroupilha que, por sua vez, lembra os confrontos político-administrativos; retorna às batalhas, e ainda retoma as ações de resistências às políticas de desigualdade, sobretudo, configura o combate a atitudes de desrespeito.

A Revolução Farroupilha funciona aqui como um discurso *de* rememoração pelo interdiscurso, como efeito de pré-construído. Discurso que irrompe no eixo da formulação, como

discurso transversal, que não se sintagmatiza, mas é constitutivo do sentido pela memória. O confronto se configura pelo instável, em que diversas *formações discursivas* colidem em um movimento contínuo de enfrentamento, resultando no embate ideológico entre as diferentes posições-sujeito, a partir das quais se produzem as diversas representações que interpretam o espaço urbano. A materialidade histórica é constitutiva do discurso, e o acontecimento musical se faz irromper, no histórico da Revolução e de todo o conflito geo-espacial, que incide sobre a força das cidades e, por consequência, de seus moradores, resultando no discurso *sobre*, pelo qual o sujeito-cidadão da cidade se (re)apresenta como “gente boa”.

A cidade de Passo Fundo é designada no espaço da memória entre o acontecimento musical e o histórico. É nisso que consiste, para nós, a formação do confronto, tendo em vista que vários acontecimentos históricos e discursivos constituem a cidade pelo retorno de discursos que estruturam os acontecimentos históricos que, por sua vez, dotam o acontecimento musical de efeitos de realidade, pelo imaginário que se cria em relação aos sujeitos e ao espaço urbano. Os discursos, por sua vez, são resultantes do todo complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação, de que trata Pêcheux e da instância do imaginário, que, segundo Orlandi (2002, p. 74), “dá uma direção ideológica, uma ancoragem política ao texto”. Constituídos, no caso presente, pela música, pelo mobiliário e pelos símbolos sociais da cidade (estátua de Teixeira e monumentos que fazem retornar a história e, com ela, os atos heróicos imputados ao passo-fundense e ao gaúcho).

Cabe ressaltar que ser cidadão urbano nem sempre coincide com ser cidadão gentil, paciente e calmo, mas coincide com ser, antes de tudo, gaúcho. O modo como o cidadão é visto (tratado) pelo outro é que instaura a diferença entre pertencer/não pertencer à cidade de Passo Fundo. O enunciado: “Se alguém me pisar no pala” possibilita, no mínimo, dois efeitos de sentido. O primeiro refere-se à valentia atribuída ao morador da cidade; o segundo, ao homem que defende sua honra, que não aceita provocação. No entanto, na sdr1, remontar a imagem do confronto, uma vez que a Revolução Gaúcha é uma consequência da política-administrativa do Governo Federal. A condicional “se” vem estabelecer o limite entre os espaços de memória recuperados pelo discurso *de*, que sustenta e atualiza o discurso *sobre*, como memória, que retorna pelo funcionamento do discurso transversal. O verso: “meu revólver fala e o bochincho está feito” faz retornar a memória de luta e de defesa dos direitos, nesse caso, não do sujeito individual, mas do coletivo, que representa o gaúcho na defesa de seus direitos e de seus ideais de liberdade.

As relações de força instauradas no discurso atestam que os saberes pré-existem ao discurso e os momentos históricos diferentes retomam as mesmas questões sociais, implicadas no referido processo de identificação do cidadão passo-fundense. Com base nisso, toda a reflexão precedente,

ao abordar o entrelaçamento dos três acontecimentos (histórico, musical e discursivo), nos encaminha para considerarmos o que se encontra em jogo no processo discursivo em exame, a saber: a relação de força como imposição das relações de respeito e poder.

## **Recorte 2**

### ***Estrofe 2:***

*Não sou nervoso e nem carrego medo*

*Eu me criei sem conhecer remédio*

*Eu meto os peitos em qualquer fandango*

*Mas quando me zango até derrubo prédio*

***Sdr2*** - *Eu sou gaúcho e se me agride eu tundo sou de Passo Fundo do Planalto Médio.*

A constatação de que estamos diante de um acontecimento discursivo é possível quando se tomam as relações de força e de poder nos processos de identificação do passo-fundense ao sul-riograndense. O entrelaçamento dos três acontecimentos instaura, na sdr2, a política do confronto. O confronto sai da esfera pública e passa para o espaço privado, uma vez que o cidadão é designado, na música, pelo comportamento e pelas emoções e reações. Não ser “nervoso”, nem ser “medroso” (marcas linguísticas retiradas dos versos que precedem o segundo refrão), mais uma vez, instauram a tensão, um novo efeito de sentido. Tal efeito surge porque a “docilidade” constitui um espaço aberto para os deslizamentos de sentido, para o civilizado. O homem valente que não leva desaforos para casa, como vimos na sd1, contraditoriamente, é calmo e corajoso. É civilizado, portanto, pertence ao espaço urbano que se singulariza por ser “terra de gente boa”.

Já, na sdr2, “Eu *sou* gaúcho e se me agride eu tundo sou de Passo Fundo do Planalto Médio”, os efeitos de sentido oscilam entre o público e o privado; entre o geo-espacial e o local/regional; entre o cidadão e o interiorano. O que chama a atenção é a repetição do uso da condicional “se”. A gentileza, as características do homem urbano se confundem com as características do homem não urbanizado e marca a relação de confronto ou de defesa entre eu (marcados linguisticamente por “sou” e “me”) e ele (marcado linguisticamente pela terceira pessoa, que é recuperada pela ação “agride”). O confronto que faz parte dos processos de identificação do cidadão passo-fundense é uma característica inerente ao imaginário que se forma da cidade, da região e do Estado. É possível depreender que, a partir da designação Passo Fundo, ao falar de si, o sujeito do discurso fala do

outro igual a ele por pertencer ao mesmo Estado, mas que lhe faz provocações (e do outro diferente dele por morar em outra região).

É interessante observar, tanto na sdr1 quanto na sdr2, que o jogo metafórico funciona de modo a manter uma relação intrínseca entre os acontecimentos histórico, musical e discursivo. Tal relação se forma pelo jogo existente entre a estrutura da língua e o acontecimento. Nesse caso, como podemos constatar o movimento de ida e volta nos espaços público e privado; local e regional; individual e coletivo, e ainda no sentimento e na ação, torna-se determinante na estabilização dos sentidos emergentes da música de Teixeira pela funcionamento da memória, como “discurso de”, que pela repetibilidade constitui redes parafrásticas e reforça o imaginário de homem valoroso e gentil, que revida quando ofendido. Discurso que se estrutura pela divisão própria do sujeito, que é pacato e gentil, mas também lutador, resistente, portanto, urbano, civilizado e defensor de seus direitos.

Ainda, pela memória discursiva, é possível designar as redes de filiação histórica que organizam o discurso, uma vez que ela (memória) dá lugar aos processos de identificação à cidade e ao cidadão passo-fundense. Nesse sentido, a relação entre o real histórico e o imaginário, em que cidade e cidadão se encontram inseridos, é estruturada por outro elemento: cultura/educação. Ao declarar: “eu me criei sem conhecer remédio”, o sujeito remete-se a um passado de homem natural/primitivo, mas também determinado pela valentia, pois conserva suas raízes. Vale dizer, o passo-fundense é tradicionalista, portanto, é gaúcho. O enunciado: “Eu meto os peitos em qualquer fandango” denota uma ação costumeira do gaúcho e cidadão passo-fundense, a briga (defesa) por seus direitos. Suas reações dependem muito do modo como ele é visto e tratado pelo outro (que é seu igual ou diferente); já, ao dizer, “mas quando eu me zango derrubo o prédio”, o sujeito do discurso volta a reforçar a ideologia do confronto.

O confronto ainda é amplamente evidenciado na materialidade linguística. O funcionamento do verbo “tundar”, em que o compositor cria um neologismo para designar a ação de brigar e, evidentemente, não apanhar, mas surrar, reforça a imagem de gaúcho presente em confrontos, em batalhas. Pelejar, brigar é o que permite flagrar mais facilmente o que se sobrepõe na identidade do gaúcho - além de suas atitudes político-administrativas -, e o diferencia dos demais cidadãos: o seu vocabulário. Pelo exposto acima, podemos afirmar que, por seu sentimento de pertencimento à cidade de Passo Fundo, a sua inscrição ocorre pelo espaço que habita, pelo costume, pelo corpo e por sua voz. O próximo recorte procura mostrar um pouco mais, uma vez que sabemos que o músico e compositor não era natural de Passo Fundo<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Vítor Mateus Teixeira, Teixeirainha, nasceu em 03 de março de 1927 no distrito de Mascaradas, em Rolante. Após a morte de seu pai, quando tinha 6 anos de idade, foi para Porto Alegre, onde carregou malas, foi vendedor de verduras,

### Recorte 3

#### *Estrofe 3:*

*Me perguntaram qual era a razão*

*Eu ter orgulho de ser passo-fundense*

*Eu respondi sou da terra do trigo*

*Tem um povo amigo e quando luta vence*

*Sdr3 - É um pedaço do Rio Grande amado/ orgulha o Estado e o povo rio-grandense.*

A virtualidade dos fatos com um discurso que se sustenta no imaginário de urbanidade e cidadania, produz o esquecimento do que é interiorano. Sendo fruto da relação da língua com a história, a memória discursiva é constitutivamente afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que se materializa no seu caráter necessariamente lacunar e equívoco. Interessante notar que o orgulho de ser cidadão de Passo Fundo faz com que o sujeito do discurso justifique o sentimento de pertencimento e de identidade pela capacidade de produção e pelo sucesso. Trata-se do que Courtine (1982) nomeia de “memória saturada e lacunar, memória com eclipses, em que ressoa somente uma voz sem nome”. Memória estruturada pelo esquecimento de não ser e não pertencer à cidade, que funciona por uma modalidade de repetição vertical, que é, ao mesmo tempo, ausente e presente na série de formulações. Ausente porque ela funciona sob o modo do desconhecimento, de um não-sabido, não-reconhecido, que se desloca; presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de pré-construído, de recorrência das formulações, assim produzindo a estabilidade dos objetos do discurso (títulos de Cidadão Emérito, a produção de trigo, as conquistas na vida).

Por outro lado, os processos identificatórios de urbano e de cidadão sustentam-se pelo orgulho de ser passo-fundense, que está no enunciado “eu respondi sou da terra do trigo”. Daí, podemos questionar: será o urbano sustentado pela cidadania? A designação “Terra de gente boa” não estaria relacionada às forças de produção? Nesse caso, há uma forte identificação do cidadão passo-fundense com a atividade agrícola, mais especificamente com a do trigo, que indica fartura,

---

entregador de jornais e estivador, para sobreviver. Logo após a maioridade, trabalhou no DAER, como patroleiro, quando começou a carreira artística, vindo fixar-se em Passo Fundo, com uma banca de tiro ao alvo e também cantando na Rádio Municipal. Recebeu o título de Cidadão Emérito em Rolante, Santo Antônio da Patrulha e Passo Fundo, cidade que o adotou como filho.

prosperidade, riqueza, sucesso. O pertencimento é materializado na **sdr3**: “É um pedaço do Rio Grande amado/orgulha o Estado e o povo rio-grandense”. A estreita relação entre cidadão/gaúcho de Passo Fundo e cidadão do Estado rio-grandense se concretiza novamente entre o presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de efeito de pré-construído, de recorrência das formulações, que produz a estabilidade dos objetos do discurso: cidadão e Passo Fundo. Como em Passo Fundo “tem um povo amigo e quando luta vence”, há um dizer que já vimos ressoar no enunciado “Passo Fundo: passo firme para o progresso”, que também ressoa em “Terra de gente boa”. Em vista disso, o entrelaçamento de saberes que remonta os sentidos de cidade e de cidadão, em duas administrações de espaços políticos e de tempos diferentes, em Passo Fundo, torna visível o político e o modo de se fazer política na referida cidade.

A sdr3, presente no terceiro recorte, permite refletir especificamente sobre a questão pessoa/espço geográfico/produção, quando se torna como ponto de partida os elementos pertencentes aos processos de identificação e às políticas de inserção e de pertencimento. Nesse caso, habitar em Passo Fundo, especificamente no Rio Grande do Sul, significa produzir, portanto, tornar-se um vencedor. O recorte 4 a seguir abordará melhor o que já se depreendeu nas análises sobre a figura do cidadão passo-fundense.

Vitor Mateus Teixeira não é passo-fundense de nascimento, no entanto, no discurso sobre a cidade, veiculado pela música “Gaúcho de Passo Fundo”, ele se mostra como um sujeito desejante que, pelo efeito de espelhamento, se vê no outro, no passo-fundense. O autor deseja ser semelhante ou igual ao outro. Esse efeito de sentido sustenta-se na relação Passo Fundo/Rio Grande do Sul, já que, não tendo nascido em Passo Fundo, o sujeito pela música se constitui como locutor e, segundo Pêcheux (1997, p. 214), “responsável pelo conteúdo do dizer”. Ele é gaúcho e ser gaúcho faz retornar discursos que sustentam outro valor, representado pelo “orgulho” de suas raízes, de sua história; orgulho decorrente das lutas, dos embates e dos confrontos, nos quais, segundo os gaúchos, eles sempre se saíram vencedores, mesmo que tenha sido apenas na instância do imaginário.

#### **Recorte 4**

##### ***Estrofe 4:***

*Já respondi a pergunta seu moço*

*Me dá licença vou encilhar o cavalo*

*Brasil a fora atravessei os estados*

*Troteando apressado eu vim tirando o talo*

*Sdr4 - Pra ver as prendas mais lindas do mundo cheguei em Passo Fundo no cantar do galo.*

Sobre a sdr4, há um reforço na construção da imagem do homem-cidadão como um ser/homem entregue à lida do campo e sem tempo para futilidades. Ao dizer “Me dá licença vou encilhar o cavalo”, o sujeito do discurso fala do lugar ocupado pelo desbravador: “Brasil afora atravessei os estados”. Esse dizer ressoa de discursos advindos de outra instância, da presidencial. Nos discursos de Getúlio Vargas, de acordo com Schons (2007, p. 188), o presidente se revela “benfeitor da nação e do povo, projetado na figura de governo bom e generoso”. A imagem de desbravador, de um lado, retorna a tempos longínquos, como o do descobrimento e o da origem do Brasil; de outro, instaura a contradição. Para a autora, ao analisar um dos discursos de Vargas, publicado na *Folha de São Borja*, em 1950, a contradição está na convergência de uma prática de aliança, uma vez que o sujeito enunciatador propõe uma prática “como se pudesse somar religião, capital e trabalho” (p. 189). Ele propõe essa soma, “como se fossem forças passíveis de articulação”, como se fosse possível pagar o ônus da submissão de ter uma prática política que contempla os objetivos de uma política separatista sem prejuízos aos seus moradores.

O processo discursivo constitutivo da materialidade em exame sinaliza para a existência tanto do sujeito defensor da força, dos costumes, das tradições, do trabalho, quanto do sujeito que desestabiliza as filiações de sentidos (re)organizando a ordem, pela aparente fragilização do sujeito preso ao sentimento amoroso. O autor elogia as mulheres de Passo Fundo, e de todo o Rio Grande do Sul, quando pretende: “... ver as prendas mais lindas do mundo”. Surge aqui, na figura da mulher a beleza, a força que constitui o “orgulho de ser gaúcho”. Há a imagem de mulher bela, forte e lutadora do Rio Grande do Sul, representada pela figura histórica de Anita Garibaldi, que, de acordo com a história da Revolução Farroupilha, bonita e corajosa funciona como embate e confronto na defesa do ideário gaúcho. Outro espaço de memória que ressoa nos efeitos de sentido desse discurso é o da existência do homem sempre junto à mulher, desde o início dos tempos. Aí retorna o discurso religioso, ou seja, Deus criou a mulher, de uma costela de Adão. Desde então, homem e mulher vivem juntos, um como o reverso do outro.

Trata-se de discursos *de*, que possibilitam a constituição mesma de um discurso *sobre*, pelo funcionamento do *interdiscurso*, fazendo retornar, na própria linearidade do discurso, memórias que constituem novos sentidos, apesar da repetibilidade. Além disso, eles indiciam a fragmentação do sujeito por causa da emergência de novos saberes, como acabamos de ver na sdr4. O interdiscurso é definido como o complexo significante com dominante, em que se delimitam as diversas *formações discursivas* (Pêcheux, 1975; Courtine, 1982) que se confrontam em uma formação social em uma

conjuntura dada. Parte integrante do interdiscurso no qual convivem na dispersão de seus enunciado, as FDs representam regiões de estabilização da memória discursiva que se organiza por processos de reformulação parafrástica, em movimento contínuo de reconfiguração. O interdiscurso afeta a materialidade linguística das sequências discursivas, que se apresentam, assim, como vestígios do movimento histórico sem fim das FDs nas relações de dominação, subordinação, antagonismo e aliança que definem sua configuração.

Ao pensar o papel específico da ideologia no processo discursivo analisado, mais em relação à rememoração/comemoração e ao desdobramento destes sobre o imaginário urbano e sobre a memória construída, é possível enunciar que, mesmo após a morte de Vitor Matheus Teixeira, em 1985, a música e as definições do “gaúcho de Passo Fundo” continuaram ressoando. Kleiton e Kleidir, dois artistas do Rio Grande do Sul, por exemplo, regravaram a música em 1999. A confirmação desse ressoar é o slogan “Passo Fundo Terra de gente boa”.

Oswaldir e Carlos Magrão, artistas da cidade, também regravaram a música em 2000, e acrescentaram a ela dizeres: “A terra é boa, o gaúcho é bom e o céu é azul”, referendando um discurso que se compõe, pelo trabalho da ideologia, como evidente, saturado, sem furos. Isso significa que Passo Fundo é, apesar de todos os slogans que vieram depois de “Passo Fundo Tchê”, como ficou conhecido, “Terra de gente boa”. Esta designação se sustenta no discurso da rememoração – discurso *de* - a partir do qual se estrutura, no eixo da formulação, a comemoração – discurso *sobre* – que, no funcionamento como rememoração/comemoração pela memória discursiva faz funcionar a memória e a atualidade de modo que intradiscurso, segundo Pêcheux (1997, p. 167), lineariza-se no “fio do discurso”.

Dessa maneira, o discurso urbano pela rememoração/comemoração abarca a história e o político da cidade, especificamente de sua constituição pelo “orgulho de ser gaúcho” nela latente. Isso podemos ler/interpretar/compreender pelos monumentos que povoam o espaço urbano, dentre os quais se destaca o de Teixeira, que apesar de ter nascido em Rolante, cidade próxima de Taquara – Rs, se diz “gaúcho de Passo Fundo”. Na ordem do imaginário os cidadãos passo-fundenses que o aceitam como “filho da terra”, desejam ser *semelhantes* ou *iguais* a ele, ao se denominarem “gaúcho de Passo Fundo”, fazem com que Passo Fundo seja conhecida como a “Terra de Teixeira”, antes de ser “A capital da literatura”, ou a “Capital do trigo”, ou mesmo “A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul. Há outros monumentos também constitutivos do discurso *de*, que ancoram a designação analisada neste artigo, tais como “a caravela”, construída no ano da comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil, em 2000, e o “gaúcho em seu cavalo”, situado em um dos trevos da cidade. Neles, irrompe, no eixo da formulação, os espaços de memória constitutivos do imaginário político/urbano de Passo Fundo”Terra de gente boa”.

## **Considerações**

Convém notar que pelo modo de exercer o mando, surgem os temas recorrentes nas administrações municipais, mostrando que a comemoração/rememoração pode incidir em alguns equívocos. Estes reforçam a perspectiva da continuidade e da sustentação de um imaginário de cidadão que se reconhece na designação da cidade como “Terra de gente boa”. Isso pressupõe um espaço público/urbano isento de problemas, sem violência, em que todos atingiram a integridade. No entanto, há um movimento de práticas de continuísmos e, ao mesmo tempo, de rupturas que se misturam em diversas formas e discursos, contemplando objetivos antagônicos, no interior da mesma formação discursiva. Tal fato “mascara” e reproduz uma imagem bucólica (rústica) dentro do próprio governo da cidade, já que este, em sua prática político-administrativa, cumpre com a missão de defender interesses de seus cidadãos.

Da mesma forma que ocorre nas estrofes antecedentes de cada refrão, a manutenção dos sentidos se dá por uma espécie de reformulação da materialidade lingüística. O cantor/compositor, em seu intradiscorso, ao narrar acontecimentos histórico-discursivos, na produção de sua canção, colhe, no interdiscorso, enunciados que entram em ressonância com a história da cidade e com o imaginário que, ao longo da história político-administrativa, se manteve sobre ela e acerca de seus moradores.

Como efeito de conclusão, queremos ressaltar que, apesar dos slogans terem origem na política partidária e mudarem juntamente com as administrações da cidade, a designação “Terra de gente boa” permanece. Isso acontece porque há um discurso de, que é anterior, que é da ordem do estabilizado, do repetido e que se realiza pelo funcionamento de sujeito, que, além de ser interpelado pela ideologia, são também atravessados pelo inconsciente. O sujeito sempre dividido, incompleto e sujeito a falta e falha pelo funcionamento da língua que, atrelada a um real, é sempre faltosa.

Reafirmamos que a memória, apesar das instituições, das coerções e das interdições, de acordo com Foucault (2004), não é passível de gerenciamento, visto que só “colam” e constituem memória fatos que fazem sentido na formação social. Só formam sentido os discursos que encontram ecos no passado, todavia, quando esses ecos ressoam no presente, estruturando imaginários por efeitos de espelhamentos, o sujeito vê no outro a imagem de si.

## **Referências**

Site [www.pmpf.rs.gov.br](http://www.pmpf.rs.gov.br) acesso em 22 de julho de 2009, às 21 h 30min.

[www.imobiliariaspassofundo.com.br/festival](http://www.imobiliariaspassofundo.com.br/festival), acesso em 20 de julho às 15 horas.

Site [http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Prefeitos\\_de\\_Passo\\_Fundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Prefeitos_de_Passo_Fundo), acesso no dia 15 de agosto, às 20 h 50 min.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

FOUCAULT, Michel,. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ORLANDI, Eni Puccineli. No limiar da cidade. *Revista Rua* (número especial, p. 8 - 19), UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes, 2001 b.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: 2001c.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4ª. Ed.Campinas: Pontes, 2002a.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5ª. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002b

\_\_\_\_\_. (org.) *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004b.

\_\_\_\_\_. População urbana e seus modos de vida. In: MORELLO, Rosângela (org.). *Giros na cidade: Materialidade do espaço*. Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI- UNICAMP, 2004c.

PÊCHEUX, Michel. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: Toledo, M.M. (Org.). *El discurso político*. México: Nueva Imagen, 1980.

\_\_\_\_\_. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes, In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (19). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 7-24.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et. al.]. 3ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: In: ORLANDI, Eni (Org.) [et. al.] *Gestos de leitura. Da história no discurso*. Homenagem a Denise Maldidier. 2ª. ed. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. GADET, Françoise (org.) Trad. de Bethania Mariani (et.al.) 3ª. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997b.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. *Papel da memória*. Trad. Introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3ª. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SCHONS, Carme R. Contradição: um retorno ao histórico-discursivo de Vargas. In: GLAGLIETTI, Mauro; SANTOS FILHO, Francisco C. (Orgs.). *Ratos de biblioteca: itinerários de leituras*. Passo Fundo: Ed.UPF, p. 178- 198, 2007.

VENTURINI, Maria C. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo, 2009.